

Kardec, que lhe presenteei, só lhe entreguei 6 volumes, pois estava terminando de estudar (por mais uma vez) os outros exemplares. Procure-os com a minha velha...

E, havendo o confrade Valdote respondido que pegaria com ele mesmo, depois que saísse do hospital, ouvimos de meu pai a seguinte afirmativa:

— Não, Valdote, hoje é o dia da minha partida.

E, virando-se para o meu esposo, Urbano, que estava ao lado, solicitou a este que fizesse a prece.

Era o fim daquele corpo velho e cansado, aos 87 janeiros de lutas e sacrifícios, e início de uma saudade feita de esperança, porque sabemos que a morte do corpo não significa separação para aqueles que se amam.

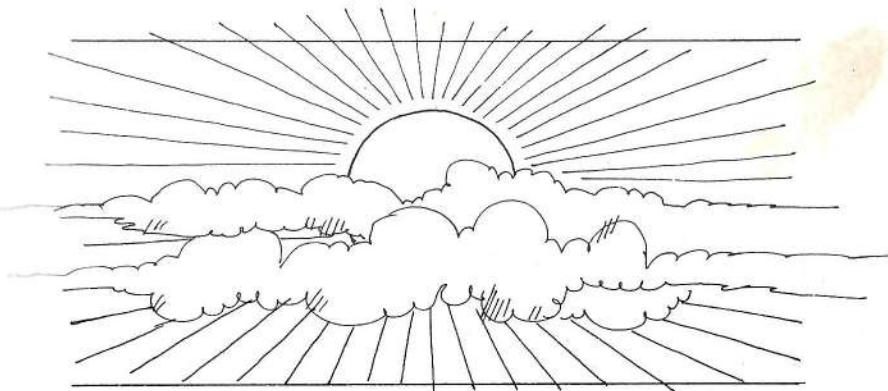
Apesar de nossas convicções de espíritas militantes, a mensagem de nosso pai, pelo nosso Chico, constituiu para todos nós, os familiares e amigos, uma alegria indescritível.

É por isso que pedimos do fundo de nossa alma, ainda uma vez, mil bênçãos de Luz e Amor, Paz e Saúde ao coração sempre amigo e dedicado do Chico, que tem sido, ao longo de mais de meio século, junto ao sofrimento humano, o representante fiel do Cristo a enxugar lágrimas e lenir dores, consolando e esclarecendo, servindo e amando a todos.

Que Jesus a todos nos abençoe, sempre.

(a) *Ondina Moutinho Vieira.*

Araguari (MG), 08 de novembro de 1982."



17

MENSAGEM DA VOVÓ E MÃE DO CORAÇÃO

Querida Nancy,

Deus nos abençoe.

Escrevo, a pedido do Antônio, no intuito de tranquilizá-los.

Os nossos foram devidamente amparados.

Estávamos com vários amigos, incluindo o nosso amigo Monsenhor Rosa, a fim de acolhê-los nas vizinhanças de Andradina.

Não se pode esperar deles, por agora, senão um período mais ou menos longo, para tratamento em regime de hospitalização.

José Roberto e Luci, nossa amiga Maria Antonieta e as crianças, Roberto, Luciana e Valdomiro, estão protegidos por muitos amigos.

Pedimos, Antônio e eu, a vocês todos para não se lastimarem.

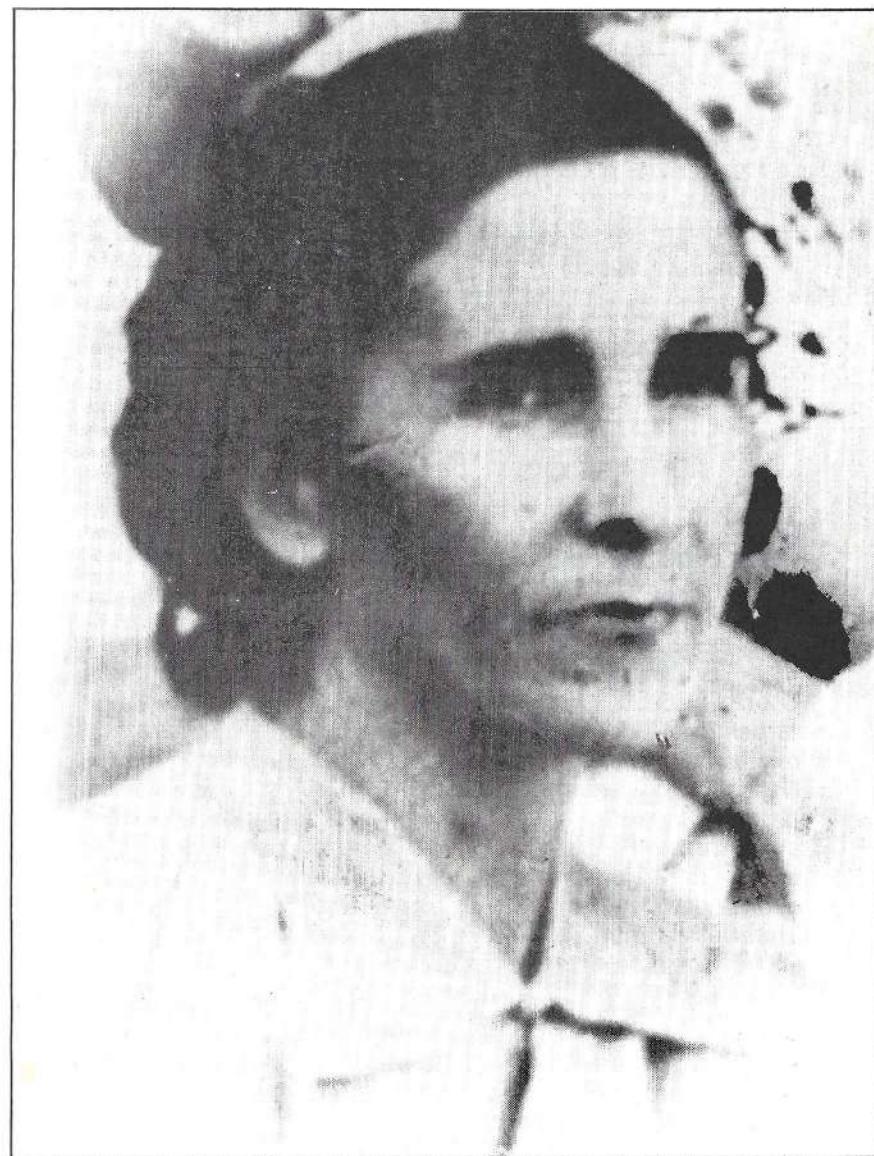
Peço a você, tanto quanto aos meus filhos Antônio, Wilson, Breno e Hugo, com as minhas filhas pelo coração,

se harmonizarem com a prece, porque, nessas horas de provação, é melhor silenciar a nossa palavra na oração do que opinar sobre leis que ainda não compreendemos.

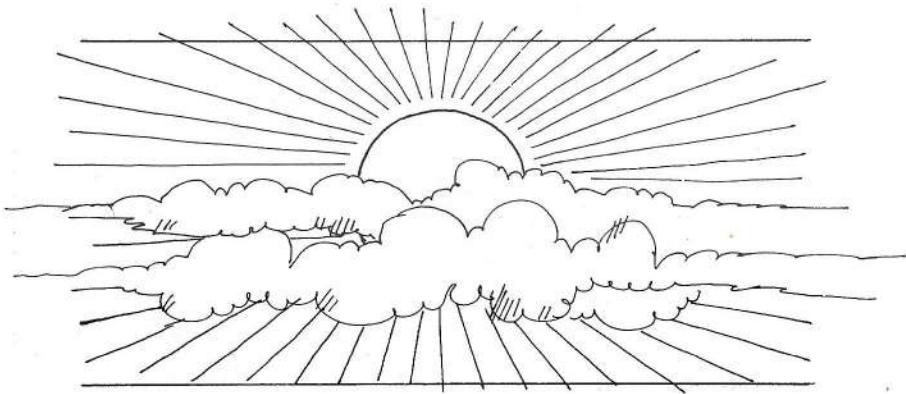
Sabemos que a morte para seis corações da família é uma dor que fere fundo, mas pedimos a todos, paciência e fé na Providência Divina.

Em minha pobreza espiritual, rogo a Jesus nos proteja a todos, e abraça-os no carinho de sempre a vovó e mãe do coração,

Maria Tereza Lopes Maniglia



Maria Thereza Lopes Maniglia



18

PACIÊNCIA E FÉ NA PROVIDÊNCIA DIVINA

Entrevistamos, em sua residência, à Rua General Osório, 2.155, Fone 722-7834, em Franca (SP), na tarde de 22 de janeiro de 1981, a Sra. Nancy Mara Maniglia Nascimento, casada com o Sr. Alberto Santos Nascimento, atuante fazendeiro, não somente no Estado de São Paulo, mas do Mato Grosso do Sul, sobre a senhora sua mãe — D. Maria Thereza Lopes Maniglia —, autora da "Mensagem da Vovó e Mãe do Coração", recebida pelo médium Xavier, no Grupo Espírita da Prece, ao final da reunião pública da noite de 20 de janeiro de 1979, nosso capítulo anterior.

Por itens, estudemos a aludida página mediúnica, que tanto consolo trouxe à família, abatida pela desencarnação simultânea de seis de seus elementos, num desastre aéreo, sobre o qual nos estenderemos mais, no Capítulo 20 deste volume.

1 - *Nancy*: D. Nancy Mara Maniglia Nascimento, nossa entrevistada, filha de D. Maria Thereza.

2 - *Antônio*: Sr. Antônio Maniglia, esposo de D. Maria Thereza e pai de D. Nancy, desencarnado a 5 de janeiro de 1963.

*

3 - *Monsenhor Rosa*: A seu respeito, eis o que conseguimos obter, no Museu Histórico do Município (de Franca-SP) José Chiachiri¹, graças à gentileza da Sra. Margarete de Fátima Verzola Marques da Silveira, na tarde de 28 de janeiro de 1981:

"Monsenhor Cândido Martins da Silveira Rosa, oriundo de Jacareí, chegou à Franca no ano de 1856, tendo falecido em Dezembro de 1903, 53 anos após uma admirável vida dedicada exclusivamente à salvação das almas.

Gênio vibrante, inquieto, tornou-se o Vigário querido da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Franca.

Lutou muito, pela religião católica, pelo ensino, pela comunidade francana.

Foi aquele sacerdote a quem todos davam sincera veneração.

Polemista admirável, na tribuna da imprensa, verberou os inimigos da igreja, levantou campanhas memoráveis.

Quando D. Vital, no Norte, sofria tremendas perseguições e era cognominado "Leão do Norte", Monsenhor Rosa (ao tempo Padre Cândido), daqui fazia a sua defesa e foi cognominado "Trovão do Sul".

1 À pág. 6 de um Almanaque, já amarelecido pelo tempo, constante da Pasta "Vultos Famosos", sob o título "Rua Monsenhor Rosa — Sua História".

Deve-se a Monsenhor Rosa o primeiro Coleginho de meninas, dirigido por suas irmãs, D. Marcolina e D. Minervina Rosa.

A esse inolvidável padre se deve a vinda para Franca dos dois tradicionais educandários — o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que conta atualmente com 80 anos, e o Ginásio Campagnat, naquele tempo Externato Nossa Senhora da Conceição, além de outros.

Seus restos mortais estão sepultados numa das grandes colunas da nossa Igreja Matriz N.S. da Conceição, próximo ao altar no seu lado direito, igreja essa de quem também foi o seu principal esteio.

Douou prédios e terrenos para os educandários locais, amparou ao sábio capuchinho francês Frei Germano de Annecy, que construiu em Franca o segundo relógio solar do mundo, protegeu ao jornalista César Ribeiro, que tempos atrás o combatera em seu jornal "O Nono Distrito".

Foi-lhe concedido, pelo Papa Leão XIII, o título de seu camareiro secreto e foi o único sacerdote brasileiro, na época, que recebeu de D. Pedro II, que o estimava, uma comenda."

*

4 - José Roberto: José Roberto Alves Pereira, nascido a 3 de setembro de 1945 e desencarnado a 6 de janeiro de 1976, em acidente aéreo, juntamente com sua esposa, filhos e mãe.

Genro de D. Maria Thereza, sobre quem entramos em detalhes, no Capítulo 20.

*

5 - Lucy: Lucy Maniglia Alves Pereira, esposa de José Roberto, e filha de D. Maria Thereza.

Nascida a 26 de junho de 1944, e desencarnada a 6 de janeiro de 1979, juntamente com seu esposo, filhos e sogra.

*

6 - Maria Antonieta: D. Maria Antonieta Comodaro Pereira, nascida em 21 de fevereiro de 1925, e desencarnada a 6 de janeiro de 1979, em acidente aéreo, juntamente com seu filho José Roberto, sua nora Lucy e seus netos Roberto, Luciana e Waldomiro.

*

7 - Roberto, Luciana e Waldomiro: Roberto Alves Pereira; Luciana Alves Pereira e Waldomiro Alves Pereira Neto, nascidos, respectivamente, a 22 de outubro de 1968; 10 de março de 1970; e 18 de março de 1971.

Desencarnados em acidente aéreo, a 6 de janeiro de 1979, juntamente com seus pais e avó.

*

8 - Antônio, Breno e Hugo: Antônio Maniglia Júnior; Breno Maniglia e Hugo Maniglia, filhos de D. Maria Thereza, residentes em Franca, Estado de São Paulo.

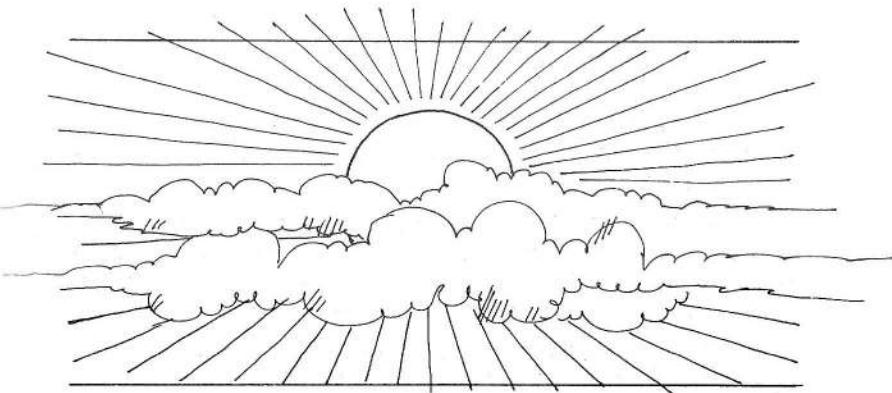
*

9 - Maria Thereza Lopes Maniglia: Senhora de tradicional família francana, nascida em 4 de abril de 1914, e desencarnada a 13 de abril de 1951.

* * *

Que Jesus, o Divino Mestre, possa abençoar todos os Espíritos mencionados na mensagem de D. Maria Thereza, encarnados e desencarnados, e o nosso prezado amigo Chico Xavier, a fim de que ele, com mais saúde, possa continuar com o seu mediunato, para a alegria, o reconforto e as esperanças sempre crescentes de todos nós, os seus coetâneos.

E, leitor amigo, sem perda de tempo, passemos aos dois próximos capítulos.



19

"DEUS ERA A ÚNICA SÍLABA QUE NOS ESCAPAVA DO CORAÇÃO E DA BOCA"

Querida Maria Helena e meu Caro Antoninho, ainda estou no trauma do acontecimento que não estimaríamos relembrar.

Tudo foi questão de segundos.

Observava a hesitação do motor, mas na impossibilidade de qualquer retificação, entreguei-me à força que interpretamos como sendo a Vontade de Deus.

Reconheço que estamos todos submetidos a leis imbatíveis e prefiro falar do assunto do ponto de vista da religião.

Nessas horas terríveis do imprevisto negativo, a idéia de que somos filhos de uma Sabedoria Infinita e de um Infinito Amor que comandam todo o Universo, nos reconforta os corações.

Creiam que não houve tempo que se despendesse em lamentações.

Deus era a única sílaba que nos escapava do coração e da boca, atônitos que nos achávamos todos, diante do irremediável.